

## A INFLUÊNCIA DO CAPITAL NA CONSTRUÇÃO DE *SENHORA*, DE JOSÉ DE ALENCAR

*Isis Maia de Almeida* (UNIGRANRIO)  
[prof.isis\\_maia@yahoo.com.br](mailto:prof.isis_maia@yahoo.com.br)

*José Severino da Silva* (UNIGRANRIO)  
[cap.prof\\_jose@yahoo.com.br](mailto:cap.prof_jose@yahoo.com.br)

*Idemburgo Pereira Frazão Félix* (UNIGRANRIO)  
[professorifrazao@uol.com.br](mailto:professorifrazao@uol.com.br)

### **1. Introdução**

O presente artigo pretende refletir sobre a complexidade em que a sociedade se transformou a partir da primeira revolução industrial e da revolução francesa e com a ascensão da burguesia. A sociedade do século XIX é caracterizada por tradições e valores rígidos que, ao longo do tempo, veio perdendo sua solidez por conta das mudanças socioculturais acarretadas pelo capitalismo, sistema detentor e responsável pelas transformações políticas dos últimos tempos.

Na contemporaneidade, os relacionamentos interpessoais não apresentam durabilidade pelo fato do distanciamento afetivo ser uma das características dessa era. A solidez tão preservada se perdeu por conta de vários fatores, entre eles, a globalização e a rapidez das informações tecnológicas de nosso tempo. Segundo Zygmunt Bauman (2009), “Numa sociedade líquido-moderna, as relações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos e as capacidades, em incapacidades.” (BAUMAN, 2009, p. 7) A liquidez aqui destacada pretende dialogar com a tradição sólida do século XIX em que os relacionamentos eram duradouros em função do papel feminino na sociedade que não tinha voz, nem direitos. Cabe ressaltar que a ascensão da burguesia e os direitos sociais contribuíram e possibilitaram a emancipação da mulher na sociedade que, por muito tempo, foi anônima e, na atualidade, é protagonista em diversos contextos.

Nunca houve, ao longo da história, como nos dias atuais, uma participação tão efetiva da mulher em diversos campos, como na política, no mercado de trabalho e na cultura, contribuindo para o crescimento cultural e socioeconômico das nações a que elas pertencem. As mulheres ocu-

pam lugar de destaque não só porque a Constituição permitiu, mas porque apresentam competências e habilidades assim como os homens.

A problemática do feminino nos romance *Senhora*, de José Alencar, ressalta alguns aspectos relevantes do papel da mulher durante o romantismo no Brasil e, apesar de essa obra ter sido escrita no período romântico, é considerada uma obra que antecipa o Realismo em função das temáticas abordadas no enredo.

Este artigo analisa as temáticas inseridas no enredo de *Senhora*, como a questão da mulher no âmbito social e amoroso da época, destacando o capitalismo como peça fundamental para a construção e o desenvolvimento da obra mencionada. Para o período do Romantismo, essa obra se destacava, pois José de Alencar, ao escrever, percebeu as transformações que a sociedade estava vivendo e mostrou uma mulher que se apropriava dessas mudanças. Aurélia era uma personagem com características e pensamentos à frente da época em que vivia.

## **2. O “empenho” da obra de José de Alencar**

O Romantismo é considerado como um marco na literatura nacional e está ligado diretamente com o processo de independência do Brasil, momento em que o sentimento de brasilidade já vigorava. Tal sentimento, mais do que a própria independência política, foi fundamental para a formação da literatura brasileira. Como afirma o professor Antônio Cândido, tratava-se, nos momentos iniciais do romantismo, de uma literatura empenhada. Em 1822, com a Proclamação da Independência, nosso país necessitava se adequar aos novos padrões da época e perder qualquer vestígio que o ligasse a Portugal. Os artistas brasileiros tinham como linha de pensamento, forjar a nova identidade brasileira e ainda com o contentamento da independência, eles buscaram sua inspiração na natureza e nas questões políticas e sociais do país.

Na época do Império, precisamente no século XIX, o Rio de Janeiro encanta os brasileiros e torna-se o grande centro de inspiração dos romancistas. O convívio social aumenta. O ufanismo, o orgulho de ser brasileiro passa a ser a tônica da literatura. Mas as mulheres continuam sendo observadas como subalternas em relação aos homens.

A maioria das mulheres jovens e estudantes consolidavam o público leitor dos romances românticos. Em 1830, quase todas as mulheres não sabiam ler nem escrever. Essa situação começou a mudar na metade

do século XIX, quando o número de mulheres alfabetizadas foi aumentando. Algumas, sonhadoras e aventureiras, se “rebelavam” à imposição da época, influenciadas por personagens femininas dos romances com os quais se identificavam. Ao contrário delas, os estudantes eram só leitores que não concordavam com a mentalidade preconceituosa deixada por seus antecessores. Os moralistas achavam que a literatura aflorava a imaginação das leitoras, pois elas começaram a perceber que a literatura era um caminho reflexivo para a mudança da realidade, principalmente para as mulheres, em que a emoção transmitida nos romances-folhetins e poesias propiciava um momento de extrema catarse.

José de Alencar, que se orgulhava de ter ocupado “o honroso cargo de ledor” para sua família, lembra que, certa noite, ao ler uma página comovente, “as senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço sobre o rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio”. Com a voz perturbada pela emoção e os olhos cheios de lágrimas, o ledor também se pôs a chorar, procurando consolar os lamentos de sua mãe e amigas. (MACHADO, 2010. p. 52-53).

Em 1840, outras publicações de sucesso acabaram incentivando o escritor nacional José de Alencar a publicar obras ficcionais que, aos poucos, conseguiram obter uma boa receptividade das pessoas que se identificavam com as histórias. Temos, como exemplo, *O Guarani*, publicado em 1857 que aumentou o entusiasmo pelas obras de Alencar, espalhando sua fama rapidamente. A maioria dos escritores pagava com seu próprio dinheiro a edição e outros serviços necessários para a publicação de seus livros, inclusive Alencar que publicou de forma sigilosa *Lucíola* (1862), com o pseudônimo G. M., por causa da temática do enredo e *Iracema* (1865). Com o aumento do prestígio de Alencar, a venda de seus livros foi crescendo e dinheiro não era mais problema. Ele escreveu *Cinco Minutos* (1857), *A Viuvinha* (1860), *Diva* (1864), *As Minas de Prata* (1865); *A Pata da Gazela* (1870), *Sonhos d'Ouro* (1872) e *Senhora* (1875), entre outros.

Em 1850 e 1860, o número de saraus aumenta e os poetas e romancistas eram figuras indispensáveis ao gosto do público. A literatura ganha destaque e D. Pedro II passa a ser um dos grandes admiradores da vida literária, participando calorosamente dos encontros nos salões. Apesar disso, os escritores da época continuavam sendo tratados com desconfiança pela burguesia mais abastada, comerciantes e a maioria dos políticos. Mesmo com a influência negativa, os escritores criam maneiras de mostrar suas obras por meio de poesias recitadas e/em folhetins, que vão se firmando aos poucos até chegarem à indústria editorial brasileira. A

partir desse momento, os escritores brasileiros começaram a ganhar prestígio e a serem valorizados da mesma forma que os escritores estrangeiros. Diz Ubiratan Machado:

Jovem, saudável e apaixonado pelas letras, o imperador incentiva, com indisfarçável orgulho, o surgimento de uma literatura genuinamente brasileira. Por gosto e lazer, participa intensamente da vida literária e, às vezes, consegue agité-la como um furacão, sem medir consequências. (MACHADO, 2010. p. 21)

Publicado em 1875, durante o segundo império, a obra intitulada *Senhora* escrita por José de Alencar dois anos antes de sua morte, é entendida enquanto romance urbano, como foi citado anteriormente e dividiu-se em quatro capítulos: “O Preço”, “Quitação”, “Posse” e “Resgate”. Pode-se caracterizar o enredo dessa história com algumas palavras chave: Amor, dinheiro, vingança e perdão. Seu enredo é complexo e mostra um perfil de mulher com características diferentes, se comparado às mulheres daquela época.

Na primeira parte, intitulada “O Preço”, Aurélia Camargo é uma moça órfã e pobre que recebe uma inesperada herança de seu avô e se torna uma mulher rica. Com o poder de sua nova classe social, “pede” a seu tio que ofereça sua mão em casamento a Fernando Seixas, porém ele não poderia saber a real identidade da pretendente, que oferecia como dote cem contos de réis ou mais se fosse preciso para conseguir o que queria. Fernando era um homem elegante e honesto que se deixa levar pela vaidade, e como precisava de dinheiro para ajudar sua família acaba aceitando a proposta. Na noite de núpcias, Aurélia acusa Fernando de mercenário e interesseiro e começa a falar sobre os motivos que a fizeram comprá-lo.

– Esse moço, que está justo com o Adelaide Amaral é o homem a quem escolhi para meu marido. Já vê que não podendo pertencer a duas, é necessário que eu o dispute.

– Conte comigo! Acudiu o velho esfregando as mãos, como quem entrevia os benefícios que essa paixão prometia a um tutor hábil. (ALENCAR, 1997, p. 12)

Aurélia conheceu os dois lados da moeda, pois viveu na pobreza sem dinheiro e, de repente, se vê rica. Outrora, o dinheiro era um problema e, inesperadamente, se torna um amigo muito valioso, pois com ele se conseguia tudo o que queria, até comprar a própria felicidade. O enredo trata do casamento burguês, ou seja, fundamentado no interesse financeiro. Observe o que ela diz a seu Tio Lemos:

– Esquece que desses dezenove anos, dezoito os vivi na extrema pobreza e um no seio da riqueza para onde fui transportada de repente. Tenho dias grandes lições do mundo: a da miséria e a da opulência. Conheci outrora o dinheiro como um tirano; hoje o conheço como um cativo submisso. Por conseguinte devo ser mais velha do que o senhor que nunca foi nem tão pobre, como eu fui, nem tão rico, como eu sou. (ALENCAR, 1997, p. 10)

Moisés (2007) destaca um

condimento romântico, a presença do dinheiro, assinalando a identificação entre o romantismo e a classe burguesa, cuja evolução na pirâmide social se operou no século XIX, colocando em lugar dos valores de sangue os valores de posse: “As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza”, etc. Observe-se que o fragmento transcrito acima pertence à primeira parte do romance, intitulada “O Preço” e que, nele, se plasma o característico litígio romântico entre dinheiro e sentimento: Aurélia prefere o segundo ao primeiro, como típica adolescente que é, mas vale-se daquele para obter esse, o que continua a circunscrevê-la ao mesmo âmbito moral e, assim, o dinheiro acaba impondo o valor que o espírito burguês lhe atribuiu.” (MASSAUD, 2007, p. 151)

A inteligência e a astúcia demonstrada pela protagonista fazem com que os papéis sejam invertidos, Aurélia assume, de certa maneira, um papel masculino nessa narrativa romanesca, pois é ela que detém o capital e manipula as pessoas. Esse romance contempla algumas características realistas por isso pode ser considerada uma obra pré-realista. Observe como Aurélia se comporta:

Quem observasse Aurélia naquele momento, não deixaria de notar a nova fisionomia que tornara o seu belo semblante e que influiu em toda sua pessoa. Era uma expressão fria, pausada, inflexível, que jaspeava sua beleza, dando-lhes quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência. Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residiam as faculdades especulativas do homem. (ALENCAR, 1997, p. 9)

Na segunda parte, chamada de “Quitação”, há um retorno aos acontecimentos da vida dos protagonistas Aurélia Camargo e Fernando Seixas, de modo a explicar ao leitor o porquê do comportamento ríspido da moça com o rapaz. Dois anos antes de Aurélia se casar, ela morava com sua mãe, D. Emília Camargo, uma mulher viúva que teve uma vida um tanto complicada e que se encontrava muito doente. Em plena mocidade, D. Emília apaixonara-se pelo estudante Pedro de Souza Camargo, “filho” de um fazendeiro com muitas posses, que não fora aceito como pretendente da moça por não ter sido reconhecido legitimamente pelo pai, portanto Pedro era considerado pobre. O amor fala mais alto, ela, então saiu de casa e eles têm um casamento oculto, do qual não se tinha do-

cumento ou qualquer outra prova e, por consequência dessa escolha, Emília passa a ser ignorada por sua família. Quando Lourenço Camargo, pai de Pedro, descobre que ele estava morando com uma rapariga, prende-o. Pedro, um homem sem atitudes, acaba não revelando ao pai que havia se casado de fato. O casal vive separado por anos, se encontrando apenas em eventuais visitas. Desse amor, nasce Emílio e Aurélia Camargo. Quando Lourenço Camargo tenta casar seu filho com uma rica herdeira, Pedro adoece e morre. Observe o amor do casal:

– Quer ser minha mulher ainda, Emília? Apesar da oposição de seus parentes? Apesar de não ser eu mais do que um estudante sem fortuna.

– Desde que o motivo da oposição de meus parentes não é outro senão sua pobreza, sinto-me com forças de resistir. Que maior felicidade posso eu desejar do que partilhar sua sorte, boa ou má?

– Eu não me animava a pedir-lhe esta prova de seu amor, Emília. Você é um anjo! (ALENCAR, 1997, p. 45)

Emílio, um menino frágil, acaba falecendo por causa de um resfriado, deixando Emília e Aurélia sozinhas. A mãe de Aurélia pressiona a filha para que ela arrume um “bom casamento”. Tendo que aparecer na janela para chamar a atenção dos homens, Aurélia acaba conhecendo e apaixonando-se por Fernando Seixas, um homem de origem modesta, mas ambicioso, que com o tempo mesmo tendo pedido a mão da moça em casamento, a abandona, pois mostra que se preocupa mais com as conveniências do que com a afeição e decide casar-se com uma mulher rica, Adelaide Amaral. Nesta ocasião, o avô de Aurélia descobre a verdade sobre seu filho e reconhece a ambas, deixando nas mãos da menina um testamento. A mãe e o avô de Aurélia morrem, ela se torna herdeira dos bens do avô e começa a arquitetar o seu plano de vingança, usando o que mais detesta para se vingar, o dinheiro. Observe como Fernando desmancha seu compromisso com Aurélia:

Meu sonho mais ardente, Aurélia, sonho dourado de minha vida, era conquistar uma posição brilhante para depô-la aos pés da única mulher que amei nesse mundo. Mas a fatalidade que pesa sobre mim aniquilou todas as minhas esperanças; e eu seria um egoísta, se prevalecendo-me de sua afeição, a associasse a uma existência obscura e atribulada. A santidade de meu amor deu-me força para resistir a seus próprios impulsos. Disse uma vez à sua mãe, pressentindo essa cruel situação: Sou menos infeliz renunciando à sua mão, do que seria aceitando-a para fazê-la desgraçada, e condená-la às humilhações da pobreza. (ALENCAR, 1997, p. 60)

Como se pode perceber, Fernando não estava pensando em Aurélia, mas em si próprio, pois ele não queria se sacrificar e renunciar à vida

elegante e à vontade de subir na vida. Mesmo não se perdoando, em alguns momentos, por romper esse compromisso, a vontade de ter uma vida boa casando-se com uma mulher rica excediam suas forças e sua moral.

A terceira parte do romance, que tem como título “Posse”, mostra Fernando extremamente envergonhado com as humilhações que Aurélia o faz passar. Honrado seu compromisso, o moço reage aos maus tratos e o sarcasmo da esposa, quando os dois conversavam, o tom de voz do marido era monótono e pausado, como se tivesse desempenhando apenas uma obrigação. Só quando Fernando ficava a sós, conseguia respirar um pouco.

De seu lado Fernando, ao ficar só, respirava, como um homem que repousa de uma tarefa laboriosa e fatigante. Ele desejaria sair daquele teto, perder de vista a casa, ir bem longe daí para gozar desses momentos de solidão e recuperar durante uma hora sua liberdade. (ALENCAR, 1997, p. 82)

Fernando, mesmo rico, não deixou de trabalhar para surpresa de seus companheiros que pensavam que ele deixaria seu emprego na reparação. Sua pontualidade era britânica, pois entrava às nove da manhã e saía somente às três da tarde. Estava se dedicando realmente a seu trabalho, muito mais do que quando era pobre e, apesar das tentações de seus colegas, poupava seu dinheiro. Fernando estava tentando se reerguer.

Apesar do comportamento frio de Aurélia, em alguns momentos, a moça não conseguia disfarçar que ainda amava Fernando. Às vezes, esquecia completamente a vingança e se deixava envolver por seus pensamentos e desejos mais profundos já que não podia ter seu amor na realidade.

Ao passo que ela acariciava com um acerbo requinte a desafronta de seu amor ludibriado desse homem, que a traficava, vinham momentos em que alheava-se completamente dessa preocupação da vingança, para entregar-se às fagueiras ilusões. (ALENCAR, 1977, p. 88)

A quarta e última parte, Chamada de “Resgate”, intensifica as contradições no comportamento de Aurélia, ora determinada em continuar sua vingança ora doce e apaixonada. Enfatiza a mudança de Fernando, que não usufrui da riqueza de sua esposa, se empenha no trabalho, tudo isso para tentar ser um novo homem e construir um novo caráter. Ao final do romance, depois de um ano de casados, Fernando negocia o seu resgate devolvendo a Aurélia os vinte contos de réis que havia pedido como adiantamento e mais o cheque de oitenta contos de réis que recebera na noite de núpcias. A heroína, vendo o gesto de Fernando, finalmente

se rende ao amor que sentia. Ao receber o dinheiro, entrega ao rapaz à chave de seu quarto e lhe mostra o testamento que havia feito em que ela dizia o quão grande era o amor que tinha ao marido e o intitulava como seu herdeiro. Ambos se entregam ao amor como num romântico final feliz. Nesse momento, a mulher se torna submissa e os papéis retornam aos seus devidos lugares (segundo a tradição brasileira da época).

Pois bem, ajoelho-me a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te. A moça travara das mãos de Seixas e o levava arrebatadamente ao mesmo lugar onde cerca de um ano antes ela infligira ao mancebo ajoelhado a seus pés, a cruel afronta. (ALENCAR, 1977, p. 141)

Afrânio Coutinho (1986) diz que

dentro da boa tradição romântica, as heroínas de Alencar protestam contra o casamento por conveniência, fruto de uma sociedade autoritária, incompreensível, da qual era necessário fugir, evadir-se em busca do mundo íntimo que cada romântico deve levar dentro de si. Esse protesto, embora revestindo muitas vezes feito diferente, é sempre talhado sobre a inspiração do amor ideal e vale como proclamação dos direitos que tem a mulher ao amor e à liberdade. (COUTINHO, 1986, p. 262)

## 2.1. José de Alencar, mapeando o romantismo no Brasil

José de Alencar (1829-1877) nasceu em Mecejana, no Ceará. Em 1838, mudou-se para o Rio de Janeiro com seus pais, José Martiniano de Alencar e Ana Josefina. Aos 10 anos, começa a estudar no Colégio de Instrução Elementar e aos 14 anos vai morar em São Paulo, estado onde finaliza o curso secundário e inicia a faculdade de direito do Largo de São Francisco.

Desde criança, José de Alencar interessou-se por decifrações. Quando estudante, em São Paulo, publicou várias charadas na revista *Ensaio Literárias*. O hábito acompanhou-o por toda a vida e o escritor exagera sua importância, ao afirmar que “o dom de produzir, a faculdade criadora, se tenho, foi a charada que a desenvolveu em mim”. (ALENCAR, 1983, p. 31).

José Martiniano de Alencar tornou-se político, jornalista, porém obteve maior influência como escritor em função de seu talento ao elaborar os enredos de suas narrativas. Em 1847, escreveu seu primeiro romance *Os Contrabandistas* e, depois, não parou mais. Muito conhecido através de suas obras, a ponto de ser consagrado por Machado de Assis como “o chefe da literatura nacional”, José de Alencar falece em 12 de dezembro, aos 48 anos, no Estado do Rio de Janeiro de tuberculose, deixando filhos e muitos admiradores.

Ao escrever, preocupava-se com a construção de uma identidade nacional, mostrou a vida brasileira em muitos aspectos importantes e criou uma forma nacionalista de escrever, utilizando um vocabulário bem característico do Brasil. Tinha, como principal fator estilístico, uma maneira peculiar de analisar psicologicamente o interior das personagens que nos remete a romances realistas, sobretudo a Machado de Assis. Alencar escreveu romances urbanos, regionalistas, históricos e indianistas, retratou os “perfis das mulheres”, mostrou a beleza das regiões brasileiras, narrou momentos históricos e mostrou o índio de maneira heroica.

Os romances urbanos acontecem no Rio de Janeiro, cidade onde Alencar cresceu, e conseguem prender a atenção dos leitores pelo viés dos enlaces amorosos, da criação de narrativas com suspense e segredos das personagens femininas e pela crítica que fazia à ambição, à desigualdade econômica e à hipocrisia da época.

A problemática desse romance alencariano gira em torno do amor e da situação social e familiar da mulher daquela época. A mulher era colocada pela sociedade como sendo “boa” quando procurava e conseguia “um bom casamento” e ocupava um papel submisso, elas deviam ficar dentro de suas casas e sair apenas para visitar parentes ou ir a missas dominicais. Isto era fruto de uma sociedade autoritária, que compreendia os sentimentos femininos. José de Alencar mostrou outro olhar, a mulher como heroína e fora dos padrões, a literatura imortalizou a figura feminina e a mulher passou a ser idealizada.

### **3. O capital como estratégia ficcional**

O capitalismo emergente teve sua gênese com a explosão industrial na Europa do século XVIII, especificamente na Inglaterra e, por volta de 1750, abriu espaço para o desenvolvimento econômico e dominação da América por meio da exploração comercial. Mas, neste caminho da exploração, o feudalismo desaparece aos poucos, dando espaço a um novo sistema econômico político e social: o capitalismo. O capitalismo começou a dominar o mundo no século XVIII, pois, com o aumento da população, obteve-se um aumento das cidades e da criação de relações mercantis. Isso porque, nesse sistema, os trabalhadores passaram a ser remunerados, as pessoas ganhavam, gastavam e se preocupavam com o seu lucro, caracterizando assim este momento econômico.

Esse novo sistema afetou o homem, que precisou se deslocar do campo para a cidade em busca de trabalhos para sobreviver, em meio a uma exploração com jornadas de trabalho que chegavam há dezesseis horas por dia. Nesta perspectiva capitalista, as mulheres passaram a compor o quadro de mão de obra nas fábricas e, assim, firmaram sua presença no sistema produtivo aumentando sua importância na sociedade daquela época, apesar de não receberem o mesmo valor monetário que o homem recebia.

Deste sistema capitalista, surge e se fortalece a burguesia, classe social detentora do poder econômico e cultural, composta pelos comerciantes que, nas pequenas cidades, “burgos”, passaram a financiar atividades culturais. A partir desta perspectiva, os novos centros urbanos passaram a usufruir não só do capital, mas das produções artísticas financiadas pelos burgueses, dentre elas, a literatura. As mudanças que se sucederam ao processo de transformação das sociedades interferiram nos textos literários, no modo de olhar que o narrador tem para seus personagens. No Brasil, José de Alencar observou essas mudanças, percebeu que existia uma sociedade burguesa em torno da corte imperial e expôs esse pensamento na obra *Senhora*, pois Aurélia usa o dinheiro como instrumento de poder para conseguir o que deseja.

Em *Senhora*, Aurélia compra seu marido através da herança que recebe de seu avô, desde então se torna detentora do dinheiro (poder) e faz de seu esposo Fernando seu subordinado. Comportamento este reprovável para a época em que os homens é que deveriam ter esse poder de escolher as mulheres com quem queriam se casar e receber, por elas, um belo dote. Observe o que Aurélia diz:

Em todo o caso quero que o senhor compreenda bem meu pensamento. Desejo como é natural obter o que pretendo, o mais barato possível; mas o essencial é obter; e portanto até a metade do que possuo, não faço questão de preço. É a minha felicidade que vou comprar. (ALENCAR, 1997, p. 13)

#### **4. O Realismo**

Para apresentar uma reação aos ideais românticos, surge, na Europa, nas últimas décadas do século XIX, uma nova corrente literária, o realismo, como disse Otto Maria Carpeaux, “O romantismo inglês não acabou, esgotou-se.” (CARPEAUX, 1981, p. 1341). O realismo se desenvolveu nas artes plásticas, no teatro e na literatura e caracteriza-se por tratar e denunciar temas sociais e por abordar uma linguagem objetiva da

realidade. Com o crescimento de outras correntes filosóficas, avanço da ciência, avanço da industrialização, o sentimento romântico se tornou hostil, assim criou-se uma base que mostrou uma reação à atitude idealística retratada no romantismo. Segundo Carpeaux,

O processo do romantismo foi feito, porém por um plebeu – sintoma de que a liquidação do romantismo consiste na separação entre a burguesia liberal, que já não precisa do romantismo, e a pequena burguesia democrática, que já usa outras armas. (CARPEAUX, 1981, p. 1358).

O realismo teve seu momento inicial na literatura francesa com a publicação de *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, e no Brasil, com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), obra escrita por Machado de Assis, autor este considerado o escritor que introduziu o realismo no Brasil. Na literatura, o realismo é expresso, mais efetivamente, através da prosa e os escritores se manifestavam através da crítica à realidade excludente, à hegemonia da igreja católica (através de um forte anticlericalismo); à escravidão e à burguesia. Os autores tentavam descrever a realidade de maneira simples e clara, objetiva, sem distorcer ou esconder fatos, dando preferência ao momento presente, demonstrando os aspectos negativos, lógicos, críticos e objetivos do caráter do ser humano, como se pode observar no tratamento do adultério em uma das obras mais importantes da literatura ocidental, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert.

## 5. Conclusão

Este trabalho retratou a influência do capitalismo na criação do perfil feminino do romance *Senhora* de José de Alencar, enfatizando a questão da mulher no âmbito social e amoroso. O período romântico aqui analisado mostra a importância da literatura e suas implicações enquanto narrativas ficcionais. Nesse período, a mulher tinha um papel submisso em relação ao homem e às regras ditadas pela sociedade. José de Alencar percebeu as transformações que estavam acontecendo naquele período e mostrou uma mulher que se apropriava dessas mudanças. Os romances urbanos apresentam como herói, as mulheres à frente de seu tempo e é através da personagem Aurélio que essas transformações são apresentadas.

Cabe ressaltar que a obra *Senhora*, escrita durante o romantismo, movimento literário do século XIX, no Brasil, contribuiu para este trabalho partindo de uma análise literária relatando a história de uma mulher

que para alcançar seu objetivo utiliza o dinheiro para satisfazer seus desejos. Nessa obra, a presença do capitalismo é marcante, pois se apresenta como eixo que acarreta a narrativa, em que, na obra *Senhora*, a presença do capital se destaca em quatro fases: “O Preço”, “Quitação”, “Posse” e “Resgate” compondo as etapas de uma transação comercial que dá início e pode-se chamar de capitalismo emergente. O romance *Senhora* publicada na segunda metade do século XIX, no ano de 1975, uma das maiores obras alencarianas, é também considerada uma obra pré-realista, por tratar em seu enredo de um casamento movido por interesses econômicos.

Conclui-se, ao analisar a obra *Senhora*, que em sua narrativa, de forma implícita, o capitalismo é o ponto de partida para a construção do enredo, o que o transforma em um importante elemento de construção ficcional.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Lucíola*. 12. ed. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. *Senhora*. Rio de Janeiro: Dicopel, 1977.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAES, Fernando (Org.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. ver. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

\_\_\_\_\_. O honrado e facundo Joaquim Manuel de Macedo In: \_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1975, vol. II, p. 138.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF, 1986.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Tinta Negra, Bazar Editorial, 2010.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O enredo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2007.